



MEDO NATURAL E MEDO SOCIALMENTE CONSTRUÍDOS: VIVÊNCIAS ACADÊMICAS

Gláucia da Silva Cavalcante ¹
Marilene Salgueiro ²

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) sobre Emoções e Educação Emocional no Ensino Superior, com o objetivo de compreender o(s) conceito(s) de emoções primárias (naturais) e de que forma a emoção do medo é socialmente construída no ambiente acadêmico no ensino superior, bem como os impactos causados por ela no desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem e inter-relacionais dos estudantes do curso de Pedagogia/CE/UFPB.

Elaborada a partir da percepção do estudante, as inquietações relacionadas ao tema desencadearam a pesquisa qualitativa, realizada a partir de dados coletados por meio de questionário online. Teoricamente considerou os estudos de Bauman (2008) e Dias (2007). Foram obtidos como principais resultados a predominância da emoção do medo construída socialmente nas relações sociais do meio acadêmico e os impactos negativos na formação dos estudantes.

METODOLOGIA

A pesquisa é parte dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do Programa de Bolsas de Extensão da UFPB (PROBEX) e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC\PIVIC) da UFPB. Cabe salientar que os procedimentos atenderam a todas as exigências relacionadas à ética na pesquisa formalizadas na Resolução N° 510 de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016) estando registrada

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, glaucissima@gmail.com;

² Professor orientador: Doutora. Universidade Federal da Paraíba. Msalgueiro6@gmail.com.



na Plataforma Brasil com o CAEE número 12851519.6.0000.5188 e contou com a participação de 69 discentes do curso de Pedagogia da UFPB, cujas naturalidades são: Rio Grande do Norte, São Paulo, Bahia e Paraíba. A maior parte dos consultados eram do sexo feminino (89,9%), solteiras (os) (62,3%) e residiam com sua família (76,8%). As idades variaram de 18 a 57 anos, em que a maioria tinha entre 20 (10,1%) à 27 (7,2%) anos de idade. Grande parte destes estudantes não trabalhavam (66,7%) e não tinham filhos (66,7%). Em relação ao turno em que estudavam 34,8% estavam no vespertino, 33,3% eram do matutino e 31,9% eram do turno da noite.

Quanto ao referencial, optou-se a vincular ao estudo de teorias, acerca da temática estudada que de acordo com Prodanov e Freitas (2013) objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais. Assim, esse trabalho está fundamentado por uma natureza exploratória e bibliográfica, de abordagem qualitativa objetivando a identificação de disposições e perspectivas contidas na abordagem do tema sugerido.

A pesquisa aconteceu em ambiente virtual por meio de um questionário online, os sujeitos participantes foram convidados através do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) sistema próprio da UFPB, assim sendo, responderam ao formulário em uma plataforma digital.

EMOÇÕES: PERCURSOS DO MEDO ENTRE O NATURAL E O SOCIAL

As emoções são dinâmicas e trazem vida ao indivíduo, por meio delas é possível saborear a vida. Além de inatas aos seres vivos, podem ser derivadas de vários processos, os quais concomitantemente denominam um conjunto de experiências vivenciadas pelo ser. No entanto, sentidas de modo exacerbado, desequilibrado exercem forças capazes de impedir o desenvolvimento de atividades simples do cotidiano, além de favorecer diversos desequilíbrios no sujeito.

Diante de uma situação que ponha em risco a própria vida, o indivíduo tende a fugir dela ou até mesmo ficar paralisado por alguns segundos. Essa reação de fuga ou paralisia, ao vivenciar a emoção do medo é uma ativação mediante ao impacto que a situação lhe causou, ou seja, uma vez exposto a algum risco estímulos emocionais



competentes, são ativados e favorecem a reações de paralisia ou fuga com função de proteção.

Ao analisarmos as funções protetoras da emoção do medo, consideramos ser estas inerentes aos sujeitos e constatamos que o fator proteção está presente no mundo moderno, estando cada vez mais evidente em nossa sociedade, sobretudo pela disseminação midiática de produtos e meios que prometem a segurança como resultado transformando defesas internas em defesas materiais externas.

O avanço das tecnologias e as novas descobertas científicas na contemporaneidade atestam que o ser humano atualmente possui um arcabouço capaz de evitar doenças, prever fenômenos da natureza como terremotos, fabricar uma imensa variedade de mecanismos de segurança, contudo, ainda não foi possível a comprovação de que é possível para o homem viver um estado de total segurança. Isso impõe as sujeitos um estado de alerta ao vivenciar o medo.

Para autores como Bauman (2008) e Dias (2007) o medo é uma emoção social que toma lugar na estrutura das relações dos indivíduos num determinado sistema social e ao que consta a segurança é uma proteção externa que é vendida. De certo que, ao entendermos a natureza do medo na sociedade moderna, onde o indivíduo é estimulado por todos os lados a senti-lo, desenvolve-se, assim, certa obsessão pela segurança.

Outro fator a ser analisado é a insegurança nas relações pessoais, provocada pela cultura do individualismo muito presente em nossa sociedade. As pessoas têm medo de se relacionarem, para não expor suas fragilidades e tendem a estar sempre na defensiva, tal ação está subentendida como resposta aos estímulos emocionais competentes do medo, os indivíduos têm uma tendência de fazer-se forte para se mostrar perfeitos o que os leva a uma vida de aparência. Para Bauman (2008, p.172) uma sociedade assim se configura “numa espécie de círculo vicioso, ela exarceba, por sua vez, a fragilidade crônica dos vínculos humanos e aumenta os temores que essa fragilidade tende a gerar.” Assim sendo, há uma posição de alerta estabelecida de forma recíproca nos indivíduos, como que o outro o fosse atacar ou ser atacado a qualquer momento.

O medo construído socialmente afeta os sujeitos de maneira tal que constantemente estímulos emocionais competentes são criados em seu cotidiano pela sociedade, por meio das mídias, das religiões, das relações de poder, incentivando o indivíduo a estar sob alerta constante, o que, por meio dessa intensa reação pode-se dar



margem para as síndromes, tais como, síndrome do pânico, crise de ansiedade, etc. É o que Bauman (2018) define como medo enraizado na rotina. O tecido social quando favorável a tais estímulos, acarreta nos indivíduos a depender do grupo certa endemia. De fato, tais aspectos apontam para um clima favorável ao medo, quanto a isso Dias (2007, p.78) afirma da seguinte forma:

“ Os climas emocionais podem caracterizar diferentes sistemas[...] são fenômenos de grupo, [...] A participação de cada indivíduo, com seu *status*, papel social, capacidade de intervenção e de protagonismo, etc., contribui para o clima emocional global, sendo cada um deles sente a emoção em termos do papel e do lugar que ocupa no grupo. ”

São esses climas que apontam para direções estratégicas de controle a depender das lideranças que o grupo tenha quer seja para acentuar o medo ou impor condições para combatê-lo. Ou seja, a exaltação de uma cultura individualista que prega a desconfiança nas relações e autossuficiência de cada membro do grupo, como forma de proteger-se do maior inimigo da humanidade: o próprio homem.

Toda essa estrutura revelada por Baumam (2018) e Dias (2007) está presente no campo acadêmico, esse meio é envolto por climas emocionais que propagam desde o individualismo a relação de poder professor X aluno. Nesse sentido, muitos alunos afirmam sentir medo de professores e de se expor em público, em atividades peculiares a academia, como uma apresentação oral de um trabalho. Esses aspectos motivaram a realização dessa pesquisa com o propósito de compreender a construção social do medo dentro da academia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nota-se o campo acadêmico como território de diversos desafios para os estudantes que estão imersos nele. Ambiente esse, propício a construção de relações interpessoais, organização didático-pedagógica e anseios dos grupos sociais nos quais os estudantes estão inseridos, tais relações exercem um forte apelo ao sucesso, por meio da ênfase nos aspectos cognitivos dos discentes. Estas questões são um gatilho propulsor para a propagação de um leque de variedade de emoções, dentre as quais, pode-se apontar a emoção do medo como principal.



Constatou-se, na universidade, facetas de medos predominantes, a saber, medo de fracassar, de falar em público, de provas, de professores e até mesmo de se relacionar com companheiros de turma, influenciando de maneira negativa os estudantes. A partir, desses pressupostos os dados coletados confirmam a presença da emoção do medo nos alunos participantes da pesquisa.

Ao serem questionados sobre a emoção que predominou ao passarem no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a maior parte dos consultados - 71% afirmaram se sentirem alegres e os demais sentiram outras emoções como surpresa, medo e raiva. Contudo, sobre o primeiro dia de aula na universidade, 33,3% relataram que o medo foi a emoção predominante.

Considera-se comum ao ser humano que a emoção do medo se manifeste mediante a uma nova situação. "O medo é um estado emocional que resulta da tomada de consciência de que algo real, imaginário ou provocado pode ameaçar os indivíduos." (DIAS, 2007, p.33), logo essa emoção presente nos primeiros dias de aula na universidade pode ser considerado natural.

No percurso do curso chamam a atenção os seguintes dados: 79% dos estudantes afirmam que tem medo de fracassar, 50,7% afirmam que tem medo de não concluir o curso, 37,7% sentem medo de apresentar trabalho oral, 25% sentem medo de fazer prova e 43,5% afirmaram ter medo de tirar nota baixa.

Tais medos são apontados por Bauman (2008), como sendo medo da exclusão social. Essa definição ocupa o terceiro tipo de medo derivado que o sociólogo traz à tona. Os estudantes que ele aflige com o sentimento de insegurança e vulnerabilidade temem não alcançarem metas propostas e sofrerem da não aceitação dos grupos, bem como de não ascenderem socialmente. Essa situação perpassa os muros acadêmicos e alcançam toda sociedade.

No tocante às relações sociais no ambiente acadêmico dos estudantes ao serem questionados se algum docente lhe causa medo, obtivemos os seguintes dados: 43,5% afirmam que sim e 34,8% talvez. Apenas a minoria dos estudantes afirmou que nenhum docente lhe causa medo: 21,7%. Por outro lado, na relação com os colegas, a situação se inverte: apenas 8,7% afirmam ter medo de algum colega, 15,9% talvez, enquanto 75,4% dizem que não tem medo dos companheiros de turma.



Nessa direção, o medo social emerge como emoção paralisadora oriunda das relações peculiares a academia sendo o medo social “produto da relação que os indivíduos têm uns com os outros, há na sua gênese e desenvolvimento duas partes que dialeticamente se opõem nesse processo: quem é invadido pelo medo e quem dele beneficia.” (DIAS, 2007, p.147). Em outras palavras, relações nutridas pelo medo, as quais alguns docentes fazem uso dessa artimanha para se manter no topo da pirâmide da relação professor X alunos, fomentam temores nos estudantes e acarretam danos em sua formação. É a emoção do medo como instrumento de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se que existem processos de construção social das emoções no âmbito acadêmico e nas interações entre os sujeitos. Nenhuma atividade humana é apenas o resultado de experiências individuais, nas experiências sociais, coletivas e na interação social pode-se afirmar que os sujeitos vivenciam experiências socioemocionais em relação à sua formação. Nesse sentido, revela-se, a urgência de mudança na abordagem docente integrando competências emocionais às cognitivas visando compreender a formação humanada a partir da integralidade do ser considerando que as emoções interferem no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Tradução Carlos Alberto de Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

DIAS, Fernando Nogueira. **O medo social e os vigilantes da ordem emocional**. Instituto Piaget, 2007.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.